

Atuação do enfermeiro no manejo da dor da criança em cuidados paliativos oncológicos

The role of nurses in pain management for children receiving palliative cancer care

Actuación del enfermero en el manejo del dolor de niño en cuidados paliativos oncológicos

Maria Vitória de Jesus Oliveira Mendes

Graduada em Enfermagem

Instituição: Centro Universitário Faculdade de Minas (FAMINAS - BH)

Endereço: Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

E-mail: mariavik302@gmail.com

Lauryen Pereira dos Santos

Graduada em Enfermagem

Instituição: Centro Universitário Faculdade de Minas (FAMINAS - BH)

Endereço: Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

E-mail: lauryen.pereira@gmail.com

Fernanda Savoi Mendes

Mestre em Educação em Diabetes

Instituição: Centro Universitário Faculdade de Minas (FAMINAS - BH)

Endereço: Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

E-mail: fesavoi@gmail.com

RESUMO

A dor em crianças com câncer é uma experiência frequente e multidimensional, que pode gerar impactos físicos, emocionais e sociais, principalmente no contexto dos cuidados paliativos oncológicos. Diante disso, o enfermeiro desempenha papel fundamental na avaliação, manejo da dor e promoção do conforto da criança e da família. O presente estudo teve como objetivo descrever a atuação do enfermeiro no manejo da dor da criança em cuidados paliativos oncológicos. Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, de caráter exploratório e descritivo, utilizando artigos primários publicados entre 2022 e 2026 nas bases de dados SciELO e LILACS, utilizando os descritores "Manejo da dor", "Enfermagem", "Cuidados Paliativos", "Enfermagem Pediátrica", "Criança Hospitalizada", "Oncologia", combinados pelo operador booleano AND. Os resultados demonstram que o manejo da dor da criança em cuidados paliativos

oncológicos envolve o uso de escalas de avaliação da dor, métodos farmacológicos, como analgésicos, anti-inflamatórios e opióides conforme a austeridade ou a intensidade da dor. Também são abordados métodos não farmacológicos, como ludoterapia, realidade virtual, acolhimento e comunicação ativa, que contribuem para o alívio da dor, e ansiedade. Destaca-se que a assistência humanizada, a comunicação sensível e o suporte emocional são fatores fundamentais para minimizar o sofrimento e promover conforto. Contudo, foram identificados alguns desafios relacionados a capacitação profissional para lidar com a dor na terminalidade infantil. Conclui-se que a atuação do enfermeiro é essencial para garantir assistência qualificada, humanizada e centrada nas necessidades da criança e de sua família.

Palavras-chave: Manejo da dor, Cuidados paliativos, Oncologia pediátrica, Enfermagem, Criança hospitalizada.

ABSTRACT

Pain in children with cancer is a frequent and multidimensional experience that may cause physical, emotional, and social impacts, especially within the context of pediatric oncology palliative care. In this scenario, nurses play a fundamental role in pain assessment, pain management, and in promoting comfort for both the child and their family. This study aimed to describe the role of nurses in the management of pain in children receiving oncology palliative care. This is an integrative literature review with an exploratory and descriptive approach, using primary articles published between 2022 and 2026 in the SciELO and LILACS databases. The descriptors "Pain Management," "Nursing," "Palliative Care," "Pediatric Nursing," "Hospitalized Child," and "Oncology" were combined using the Boolean operator AND. The results demonstrate that pain management in children receiving oncology palliative care involves the use of pain assessment scales and pharmacological methods, such as analgesics, anti-inflammatory drugs, and opioids, according to the severity and intensity of pain. Non-pharmacological methods were also identified, including play therapy, virtual reality, emotional support, and active communication, which contribute to pain and anxiety relief. Humanized care, sensitive communication, and emotional support were highlighted as essential factors in minimizing suffering and promoting comfort. However, some challenges related to

professional training in dealing with pain during pediatric end-of-life care were identified. It is concluded that the nurse's role is essential to ensure qualified, humanized, and child- and family-centered care.

Keywords: Pain management, Palliative care, Pediatric oncology, Nursing, Hospitalized child.

RESUMEN

El dolor en niños con cáncer es una experiencia frecuente y multidimensional, que puede generar impactos físicos, emocionales y sociales, principalmente en el contexto de los cuidados paliativos oncológicos. Ante esto, el enfermero desempeña un papel fundamental en la evaluación, manejo del dolor y promoción del confort del niño y de la familia. El presente estudio tuvo como objetivo describir la actuación del enfermero en el manejo del dolor del niño en cuidados paliativos oncológicos. Se trata de una revisión integrativa de la literatura, de carácter exploratorio y descriptivo, utilizando artículos primarios publicados entre 2022 y 2026 en las bases de datos SciELO y LILACS, utilizando los descriptores "Manejo del dolor", "Enfermería", "Cuidados Paliativos", "Enfermería Pediátrica", "Niño Hospitalizado", "Oncología", combinados por el operador booleano AND. Los resultados demuestran que el manejo del dolor del niño en cuidados paliativos oncológicos involucra el uso de escalas de evaluación del dolor, métodos farmacológicos, como analgésicos, antiinflamatorios y opioides conforme la austeridad o la intensidad del dolor. También son abordados métodos no farmacológicos, como ludoterapia, realidad virtual, acogimiento y comunicación activa, que contribuyen para el alivio del dolor y ansiedad. Se destaca que la asistencia humanizada, la comunicación sensible y el soporte emocional son factores fundamentales para minimizar el sufrimiento y promover confort. Sin embargo, fueron identificados algunos desafíos relacionados con la capacitación profesional para lidiar con el dolor en la terminalidad infantil. Se concluye que la actuación del enfermero es esencial para garantizar asistencia calificada, humanizada y centrada en las necesidades del niño y de su familia.

Palabras clave: Manejo del dolor, Cuidados paliativos, Oncología pediátrica, Enfermería, Niño hospitalizado

1 INTRODUÇÃO

O câncer na infância é definido pelo crescimento desordenado de células, que podem invadir tecidos e órgãos. Essas células tendem a se dividir rapidamente, muitas vezes são muito agressivas e difíceis de se controlar, o que pode levar ao crescimento de tumores sejam malignos ou benignos. As neoplasias mais frequentes nessa faixa etária são os tumores do sistema nervoso central, os linfomas (que vão afetar o sistema nervoso linfático) e as leucemias (que vão afetar os glóbulos brancos) (Borges 2025; Brasil, 2022).

No Brasil, os cuidados paliativos tiveram seu início na década de 1970, com os primeiros serviços no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo. Porém, em 1944 já havia a criação do Asilo para Cancerosos, no Rio de Janeiro, para atender pacientes com câncer em estágio avançado que não possuíam mais resposta farmacológica (Paiva, 2022).

O termo “cuidados paliativos” foi adotado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em 1974 e o Comitê de Câncer criou um grupo que foi responsável por definir políticas que tivessem como objetivo visar o alívio da dor e cuidados para pacientes oncológicos, direcionando a recomendação para todos os países do mundo. Em 1985 com o crescimento de movimentos de protesto que eram contra o abandono de pacientes que não tinham mais chances terapêuticas, pelo sistema de saúde inglês, sendo fundada pela Associação de Medicina Paliativa da Grã-Bretanha e Irlanda (Paiva, 2022).

Em 1986 a OMS publicou como seria a atuação da equipe multiprofissional considerando o contexto desses cuidados paliativos, a fim de melhorar a qualidade de vida do paciente e da família. Em 1986 o Instituto Nacional de Câncer (INCA) iniciou o atendimento a pacientes sem possibilidade de tratamento, criado em 1989 o Serviço de Suporte Terapêutico Oncológico (STO). Em 1990, a Lei Orgânica de Saúde definiu o INCA como órgão de referência (Paiva, 2022; Brasil, 2022).

No mesmo ano os cuidados paliativos foram definidos pela OMS em 1990 “Cuidado ativo e total para pacientes cuja doença não é responsiva ao tratamento de cura. O controle da dor, outros sintomas e de problemas psicossociais e espirituais é primordial.

O objetivo do Cuidado Paliativo é proporcionar a melhor qualidade de vida possível para pacientes e familiares”. Em 1997, foi criada a Associação Brasileira de Cuidados Paliativos (ABCP). Em 1998, a Portaria nº 3.535 estabeleceu critérios para oncologia e inaugurou-se a unidade exclusiva de cuidados paliativos no INCA, o Centro de Suporte Terapêutico Oncológico (CSTO) (Paiva, 2022).

Nos anos seguintes, diversas portarias foram implementadas com o objetivo de estruturar e fortalecer os cuidados paliativos no país, garantindo respaldo legal à atuação profissional. Entre elas, se destaca a Portaria nº 881/2001, que instituiu o Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar (PNHAH), voltado à promoção de um atendimento mais humanizado nos serviços hospitalares, alinhado aos princípios dos cuidados paliativos (Brasil, 2022).

No contexto do manejo da dor e da ampliação dos cuidados paliativos no SUS, a Portaria nº 19, de 3 de janeiro de 2002, institui o Programa Nacional de Assistência à Dor e Cuidados Paliativos, com foco na dor crônica. Ainda em 2002 a Portaria GM/MS nº 1.318 classificou os opiáceos como medicamentos excepcionais; a Portaria nº 1.319 regulamentou a criação e o credenciamento dos Centros de Referência em Tratamento da Dor Crônica (Paiva, 2022; Brasil, 2022).

A Portaria nº 859, de 12 de novembro, aprovou o Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para o uso de opiáceos como codeína, morfina e metadona no alívio da dor crônica, consolidando avanços significativos na política pública de controle da dor e cuidados paliativos (Paiva, 2022).

Considerando toda a trajetória dos cuidados paliativos é essencial também refletir sobre o papel e a vivência da criança dentro desse contexto, pois a infância é uma fase fundamental para o desenvolvimento da personalidade que vai servir como base para experiências que serão vivenciadas no futuro. E essa etapa é marcada quando a criança enfrenta a confirmação de um diagnóstico oncológico (Dias, 2022).

Diante disso a criança passa a vivenciar uma alteração de rotina que vai se iniciar no diagnóstico, e se estender até um desfecho incerto ou a uma condição sem possibilidade de cura. Nesse novo ciclo de sua vida, a criança passa a ser inserida no ambiente hospitalar, vivenciando uma realidade diferente da que estava acostumada, o que pode gerar momentos de desconforto, visto que ela é submetida a intervenções invasivas que muitas vezes não compreende (Dias, 2022).

Frente a isso, é fundamental que a criança seja reconhecida como um ser ativo e sensível, e não apenas como um paciente restrito ao leito ou à doença. O profissional de enfermagem deve estar atento às necessidades emocionais do indivíduo, incluindo o manejo da dor através de métodos farmacológicos e não farmacológicos, realizando o cuidado com empatia, e responsabilidade, valorizando a humanização em cada interação (Alves,2024).

Considerando o contexto em que a criança está inserida a equipe de enfermagem tem um papel fundamental quanto ao manejo da dor. Tal assistência é iniciada a partir do diagnóstico, independente do tratamento da doença base, os cuidados paliativos pediátricos vão envolver a equipe transdisciplinar, que são responsáveis por oferecer suporte integral à criança e à família (Brasil,2022). O início precoce dos cuidados contribui para qualidade de vida, incluindo o período de luto. Vale ressaltar que a comunicação eficaz entre o enfermeiro, a criança e a família é algo fundamental para o planejamento de abordagens terapêuticas (Borges, 2025).

Dito isso, é certo afirmar que o enfermeiro desempenha um papel muito importante quando se trata da assistência a essa criança, e que a humanização pode ser considerada um dos maiores desafios quando se fala em cuidados paliativos para crianças diagnosticadas com câncer. Dessa forma, os cuidados paliativos pediátricos possuem uma abordagem centrada na criança e na família, tendo como objetivo melhorar a qualidade de vida por meio do alívio dos sintomas e do manejo da dor, proporcionando conforto físico, emocional e espiritual aos envolvidos (Barcelos, 2025).

A relevância desse tema pode ser justificada levando em conta que a atuação da enfermagem pediátrica oncológica é fundamental, visto que ele desempenha um cuidado direto nas muitas fases da doença, o que transcende o plano terapêutico, ao oferecer acolhimento, escuta ativa e suporte emocional tanto para a criança quanto para sua família ao longo de todo o processo.

O estudo visa contribuir para o conhecimento dos profissionais da saúde sobre a atuação do enfermeiro frente ao cuidado paliativo pediátrico oncológico, intervenções humanizadas centradas na promoção do bem-estar infantil e o suporte adequado às famílias. Busca promover o conhecimento dos acadêmicos, e dos profissionais de saúde, colaborando na capacitação dos profissionais para enfrentar os desafios na prática assistencial, contribuindo para a humanização do atendimento.

A dor é uma experiência comum em crianças com diagnóstico de câncer que estão hospitalizadas, porque a mesma está presente em quase todas as etapas da doença. O enfermeiro tende a permanecer um tempo maior ao lado desse paciente, o que faz com que ele consiga realizar melhor a avaliação da dor e qual o manejo adequado. Tal manejo pode ser realizado através do uso de escalas, métodos farmacológicos e não farmacológicos (massagem, calor ou frio, abordagem lúdica, criação de vínculo com a criança, e etc). Além disso, o paciente deve ser reavaliado e deve haver também um treinamento adequado da equipe de enfermagem. Dessa forma a presente revisão tem como objetivo descrever a atuação do enfermeiro no manejo da dor na assistência humanizada à criança em cuidados paliativos oncológicos.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, um estudo de caráter exploratório e descritivo que tem como objetivo reunir, sintetizar e analisar diferentes tipos de estudos previamente desenvolvidos, de forma ordenada e organizada, permitindo uma compreensão ampla e crítica sobre a temática escolhida. Essa abordagem permite reunir e analisar estudos científicos, o que favorece a elaboração de um olhar ampliado do tema, contribuindo para identificar os desafios, lacunas e os avanços existentes na prática assistencial (Bizutti, 2024).

Cumprindo a primeira etapa foi feita a escolha do tema "Atuação do Enfermeiro no Manejo da Dor da Criança em Cuidados Paliativos Oncológicos", considerando que a dor é um dos sintomas mais frequentes que é vivenciado por crianças em tratamento oncológico, o que muitas vezes é um grande desafio para os profissionais da saúde, principalmente o enfermeiro, que se encontra em contato direto e contínuo com o paciente e com a Família.

A partir dessa escolha do tema a elaboração da pergunta desta pesquisa foi realizada utilizando o acrônimo PICO, (P -População) crianças com câncer, (I- Intervenção) atuação do enfermeiro no manejo da dor, (Co- Contexto) Cuidados paliativos oncológicos pediátricos. Após essas etapas foi elaborada a pergunta norteadora: Qual é a atuação do enfermeiro no manejo da dor de crianças em cuidados paliativos oncológicos?

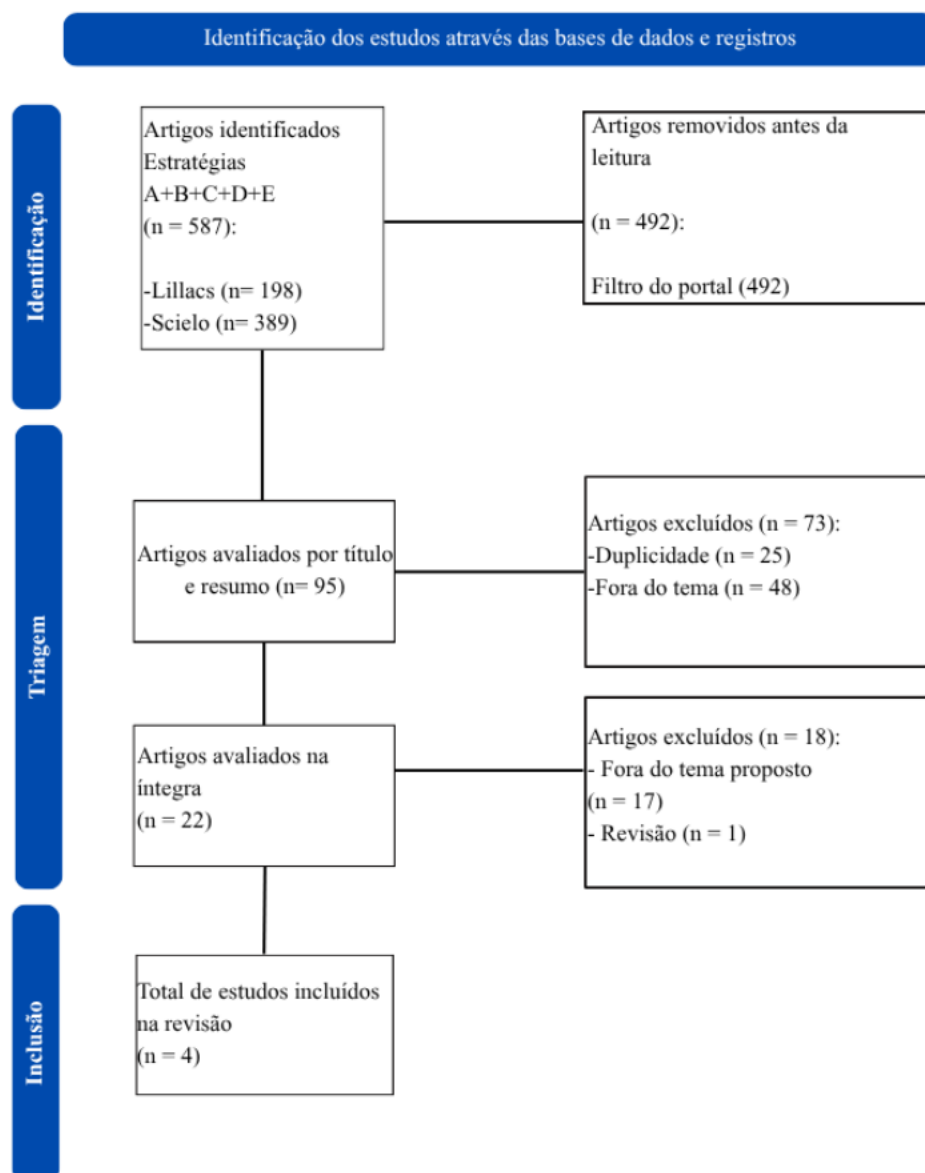
Na segunda etapa foram estabelecidos os critérios de inclusão dos estudos, sendo eles: artigos primários, no idioma português, espanhol, e inglês, com recorte temporal de

2022 a 2026, disponíveis nas bases de dados: *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS). Como critérios de exclusão, estabeleceram-se: artigos em duplicidade, que não condizem com o tema em questão, textos incompletos, teses e dissertações.

Em seguida, na terceira etapa, a seleção dos descritores foi realizada no portal de Descritores em Ciências da Saúde (DECS): “Manejo da dor”, “Enfermagem”, “Cuidados Paliativos”, “Enfermagem Pediátrica”, “Criança Hospitalizada”, “Oncologia”. A partir dos descritores, os mesmos foram combinados com os booleanos AND. As estratégias de busca foram: A- “enfermagem pediátrica” AND “Manejo da dor” AND Oncologia, B- “Enfermagem pediátrica” AND “Criança hospitalizada”, C- “Enfermagem pediatria” AND oncologia, D- “Manejo da dor” AND “Criança hospitalizada”, E- “Criança hospitalizada” AND Oncologia.

Conforme Page *et al.* (2021), para a seleção dos estudos será utilizado o *Check List Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses* (PRISMA-2020), que tem como objetivo auxiliar autores no relato transparente dos métodos e resultados de revisões sistemáticas.

Figura 1. Fluxograma PRISMA (2020) com apresentação do processo de seleção dos estudos.



Fonte: dados da pesquisa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados estão apresentados no quadro 1 e o nível de evidência foi avaliado conforme os critérios de *Melnyck e Fineout* (2018).

Quadro 1. Quadro sinóptico com o perfil dos estudos da amostra final

Título	Ano de publicação	Nível de evidência	Resultado
Atuação do enfermeiro nos	2026	6	Os resultados destacam que o enfermeiro exerce papel essencial no cuidado à

cuidados paliativos pediátricos: desafios e práticas humanizadas.			criança em cuidados paliativos, atuando não apenas no controle de sintomas, mas também no suporte emocional à família. Evidencia desafios como o despreparo profissional, dificuldade em lidar com a morte infantil e limitações institucionais. Reforça a importância da humanização, da escuta qualificada e da comunicação sensível no cuidado.
Cuidados paliativos en oncología pediátrica: rol y desafios de la enfermería	2024	6	O artigo evidencia que a enfermagem é fundamental no acompanhamento contínuo da criança com câncer, principalmente no alívio da dor e outros sintomas. Também aborda o apoio emocional e psicológico oferecido à família. Como desafios, aponta a falta de capacitação específica, sobrecarga de trabalho e impacto emocional nos profissionais.
Realidade virtual e ludoterapia no manejo da dor e ansiedade de crianças e adolescentes em tratamento oncológico	2023	3	Redução significativa da dor e da ansiedade em crianças e adolescentes submetidos às intervenções, evidenciando a eficácia de estratégias não farmacológicas.
Manejo da dor em crianças e adolescentes hospitalizados com câncer: estudo transversal	2022	4	A análise de como a dor é avaliada e tratada em crianças e adolescentes com câncer hospitalizados. Os resultados mostram que, apesar da existência de protocolos, ainda há falhas no manejo adequado da dor, como subavaliação e tratamento insuficiente. O estudo reforça a necessidade de capacitação da equipe e uso de instrumentos adequados para avaliação da dor.

Fonte: Dados da revisão (2026)

A dor é frequentemente associada ao câncer e vai representar uma experiência cognitiva e emocional, que sofre influência de aspectos biológicos, psicológicos e sociais. Além disso, é evidenciado que o acompanhamento prolongado e o suporte emocional são essenciais para aliviar os sintomas da criança, e garantir uma melhor qualidade de vida da mesma que se encontra em tratamento oncológico (Barrêto et al., 2025).

Domingues (2022) relata que a dor vai além de uma experiência sensorial, consiste em qualquer experiência que a pessoa diz que é e subsiste quando a mesma diz que sente. Essa concepção se compara ao conceito de “dor total”, que possui a natureza das muitas dimensões da dor, levando em conta aspectos psicossociais, sociais, espirituais e físicos. Com isso, a dor é um acontecimento universal, individual, complexo e que compreende múltiplos aspectos.

A identificação e avaliação integral dos sintomas associados ao câncer em pacientes pediátricos sob cuidados paliativos possibilita a implementação de intervenções precoces e efetivas, através da utilização de abordagens farmacológicas e não farmacológicas para o manejo da dor. Contudo, às vezes as terapias convencionais não proporcionam alívio satisfatório ou promovem efeitos adversos que pioram a saúde do paciente pediátrico (Merino *et al.*, 2024).

Domingues, (2022) diz que para a avaliação da dor na criança e no adolescente com câncer não existe uma escala específica e exclusiva, com isso são utilizadas ferramentas adequadas e validadas a cada faixa etária e nível de desenvolvimento. Tais instrumentos são importantes para transformar uma informação subjetiva, que vai transmitir a experiência individual de dor de cada criança, em uma informação concreta. Segundo os autores as escalas para mensurar a dor podem ser organizadas em dois grupos, sendo aquelas que abrangem somente uma dimensão ou aquelas que incluem várias dimensões.

Domingues, (2022) explica que as escalas unidimensionais consistem no autorrelato e vão mensurar a austeridade ou a intensidade da dor, são usadas constantemente na prática clínica devido a sua simples aplicação e a conquista de resultados rápidos, não invasivos e válidos. A escala de avaliação facial da dor, consiste em uma série de expressões faciais que vão facilitar o reconhecimento do nível de dor, como por exemplo a Escala de Dor Wong-Baker FACES, que contém desenhos de rostos com variações de sorridente que indica que a criança está sem dor, até uma face chorando que vai indicar uma dor insustentável. Por fim a escala analógico-visual corresponde na exibição de uma linha, às vezes colorida, de classificação numérica, com uma numeração de 0 a 10, sendo 0 que é considerado ausência de dor e 10 para dor insustentável.

Quanto as escalas multidimensionais Domingues, (2022) descreve também que elas vão avaliar as diversas dimensões da dor, incluindo manifestações físicas e emocionais, incluindo uma análise mais minuciosa da intensidade e da qualidade da dor, sendo privativa do enfermeiro. Um exemplo é a ferramenta de avaliação da dor FLACC (Face, Legs, Activity, Cry, Consolability), é uma escala para lactentes de dois meses até crianças de sete anos, que vai quantificar a dor em cinco grupos de comportamento, sendo elas: semblante, movimento das pernas, execução de atividades, intensidade do choro e receptividade ao conforto. A mesma possui um score de 0 a 10, sendo 0 para dor inexistente, 1-3 (dor leve) para dor leve, 4-6 (dor moderada) e 7-10 (dor máxima).

Barreto, *et al* (2025) traz a utilização da escala do tipo Faces adaptada para avaliação do nível de dor que possui um score de 1 a 5, ela consiste em escolher a face que melhor ilustra a dor da criança que foi avaliada por meio do autorrelato da mesma anteriormente. Essa escala foi utilizada no momento da coleta em todos os grupos e após a aplicação das intervenções apenas nos grupos realidade virtual e ludoterapia.

Segundo Rodolfo *et al.*, (2026) a presença do enfermeiro nos ambientes que acolhem os pacientes oncológicos é de extrema relevância, pois o mesmo atua na organização do serviço, na gestão da equipe e na criação de estratégias que garantam a continuidade e na qualidade do cuidado, além do desenvolvimento de atividades técnicas da área. Santiago *et al.*, (2026) diz ainda que a atuação do enfermeiro é algo essencial frente ao cenário de cuidados paliativos pediátricos, pois sua conduta vai além da assistência clínica, abrangendo o atendimento integral às necessidades da criança e da família. Sua atuação vai envolver o controle dos sintomas, suporte emocional e social, e através disso promover um cuidado humanizado, ético e de qualidade.

Dentre os métodos não farmacológicos no manejo da dor, a enfermagem utiliza de práticas integrativas e complementares, como abordagens direcionadas a promoção de conforto, massagem, realizando alterações no ambiente e utilização de calor. Tais intervenções, são acessíveis e menos invasivas, vão auxiliar no manejo de dores agudas e crônicas, promovendo um cuidado mais humanizado e melhora na qualidade de vida desses pacientes (Domingues, 2022).

Barreto *et al.*, (2025) afirma que enfermeiro desempenha papel fundamental no manejo da dor em pacientes pediátricos oncológicos, utilizando de abordagens farmacológicas, e não farmacológicas, como a realidade virtual (RV) e a ludoterapia.

Destaca que essas intervenções auxiliam na redução da dor, ansiedade e estresse, ao promover distração e melhorar o estado emocional da criança durante procedimentos hospitalares. Além disso, cabe ao enfermeiro avaliar continuamente os parâmetros clínicos e comportamentais, identificando respostas às intervenções e adaptando o cuidado conforme a faixa etária e aceitação da criança.

Barrêto *et al.*, (2025) traz em destaque a realidade virtual e a ludoterapia. A ludoterapia promoveu uma redução do nível da dor apresentada, mas a mesma é ideal quando a criança se encontra em um contexto de expressão emocional e interação social. A RV é um método eficaz no manejo da dor antes e após sua implementação, evidenciando ser um método eficaz para a diminuição de sintomas álgicos. Há uma diminuição significativa no score da avaliação da dor com o uso da RV, se mostrando um método de distração significativo. Além disso, a RV atua na alteração dos sinais dolorosos no sistema nervoso central, desviando a atenção do estímulo doloroso e influenciando regiões cerebrais relacionadas à percepção da dor, o que contribui para menores níveis de dor relatados pelas crianças.

Domingues (2022) afirma que o manejo da dor engloba as ações realizadas entre os profissionais de enfermagem, a família e o paciente, e o mesmo tem por finalidade promover alívio ou reduzir a dor. Além disso, a equipe possui um papel central considerando o cenário de manejo da dor de crianças com câncer, através dos métodos farmacológicos e não farmacológicos. Quanto ao método farmacológico é necessário que haja conhecimento quanto à ação dos fármacos, via de administração e seus efeitos colaterais, para colaborar na prescrição correta do analgésico seja ele para dor aguda ou crônica, promovendo um manejo adequado da dor.

Para crianças com dor leve, indica-se fármacos não opioides e anti-inflamatórios não esteroides (AINE), como paracetamol, ibuprofeno e cetoprofeno. Já em casos de dor moderada à intensa é aconselhável o uso de fármacos não opioides juntamente aos opioides de menor ou maior potência, por exemplo: tramadol, metadona, morfina e fentanil. Alguns fármacos podem ser usados como auxiliares, potencializadores ou como um complemento, considerando o cenário de dor leve, moderada ou intensa, sendo eles antidepressivos, anticonvulsivantes, bifosfonatos, antipsicóticos, corticosteroides, laxantes, antieméticos, entre outros.

Segundo Santiago *et al.*, (2026) o cuidado paliativo pediátrico oncológico evidencia a importância do apoio à família como um elemento base da assistência, com isso a atuação da equipe de enfermagem, por meio do diálogo, da comunicação sensível e do trabalho em equipe, contribui para fortalecer o vínculo com familiares a fim de minimizar o sofrimento ao longo das etapas da doença. A equipe de enfermagem no contexto da oncologia deve atuar como linha de frente junto ao paciente e família, a comunicação efetiva associada aos métodos de cuidado, são fatores que podem minimizar as dificuldades enfrentadas pelo paciente.

Nesse contexto, a enfermagem deve promover um ambiente acolhedor, incentivando a criança e a família a expressarem os seus sentimentos, e promover suporte emocional aos mesmos. Com isso, evidencia-se que o envolvimento da família, juntamente à com comunicação ativa e as práticas humanizadas, são fatores essenciais para reduzir a ansiedade, melhorar a adesão ao tratamento e proporcionar maior qualidade de vida, tornando o cuidado mais sensível, integral e menos traumático (Santiago *et al.*, 2026).

Ressalta-se que a assistência à criança com câncer exige, além da assistência técnica, estabilidade emocional por parte do profissional, diante disso torna-se fundamental que as instituições de saúde ofereçam apoio psicológico ao mesmo, bem como a educação continuada da equipe multiprofissional. Isso se justifica pelo fato de que a terminalidade na infância é um processo complexo e, muitas vezes, de difícil aceitação, exigindo competências técnicas, sensibilidade humana e preparo emocional. Assim, destaca-se a importância da qualificação dos enfermeiros, tanto nos aspectos técnicos quanto nos emocionais e éticos, para assegurar uma assistência segura, humanizada e de qualidade, além de contribuir para um ambiente de trabalho menos desgastante para os profissionais (Santiago *et al.*, 2026).

4 CONCLUSÃO

A presente revisão integrativa permitiu uma compreensão em relação à atuação do enfermeiro no manejo da dor, e evidenciou que tal profissional desempenha um papel essencial para promover uma assistência humanizada, integral e centrada nas necessidades da criança e da família. Nesse contexto, a dor se destaca como um dos

sintomas mais frequentes no cenário de oncologia pediátrica, exigindo que o enfermeiro possua habilidades técnicas, científicas e emocionais para a realização da avaliação e implementação de intervenções eficazes. Dessa forma, pode-se dizer que a utilização de escalas de avaliação da dor é um instrumento que destaca como um dos pilares para a avaliação e da quantificação do nível de dor da criança, e que auxilia na elaboração do melhor plano de cuidado para o paciente.

Desse modo, o manejo da dor vai além das medidas farmacológicas, abrangendo igualmente medidas não farmacológicas, como ludoterapia, realidade virtual, acolhimento, comunicação ativa, escuta qualificada e o fortalecimento do vínculo entre a criança e a família. Tais intervenções proporcionam alívio nos sintomas físicos e emocionais, além de promover conforto, bem-estar e melhor qualidade de vida durante todas as fases da doença. Contudo, também possuem obstáculos que são enfrentados pelo enfermeiro e sua equipe, como falta de capacitação dos profissionais, falta de preparo emocional diante da terminalidade infantil, e limitações institucionais.

Destaca-se que a atuação do enfermeiro é indispensável no cuidado paliativos oncológico pediátrico, sendo essencial para o controle da dor, humanização do cuidado e apoio à família durante o processo de adoecimento. Desta maneira, o presente estudo poderá contribuir para ampliar o conhecimento científico sobre a temática, fortalecendo as práticas assistenciais, de forma que elas sejam mais humanizadas e qualificadas no cuidado à criança em cuidados paliativos oncológicos.

REFERÊNCIAS

Borges, Letícia Barbosa; Cecílio, Isadora Gonçalves Severino; da Silva, Beatriz Regina et al. Assistência de Enfermagem nos Cuidados Paliativos à Crianças em tratamento oncológico. Revista Cuadernos de Educación y desarrollo, v.17, n.5, p. 01-19, 2025. Disponível em: <https://ojs.cuadernoseducacion.com/ojs/index.php/ced/article/view/8300/5734>. Acesso em: 08 de setembro, 2025.

Alves, Thatiane da Costa Ribeiro; Mesquita, Luana Marques; Intervenção psicológica em cuidados paliativos no câncer infantil. Revista Foco, Curitiba(PR),

v.17.n.3, e4466, p.01-21, 2024. Disponível
em:

<https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/4466/3269>. Acesso em: 12 de setembro, 2025.

Brasil. Instituto Nacional de Câncer - INCA. **Cuidados paliativos pediátricos**. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/cancer/tipos/infantojuvenil/especificos/cuidados-paliativos-pediatricos>. Acesso em: 09 de setembro, 2025.

Paiva, Carolina Fraga; Santos, Tânia Cristina Franco; Laís de Miranda Crispim Costa; et al. Trajetória dos cuidados paliativos no mundo e no Brasil. **Potencial interdisciplinar da enfermagem: histórias para refletir sobre o tempo presente**. Brasília, DF: Editora ABen; 2022. p. 41 a 49. Disponível em: <https://publicacoes.abennacional.org.br/wp-content/uploads/2022/07/e9-historia-cap4.pdf>. Acesso em: 12 de setembro, 2025.

Dias, Lilian Laine da Conceição; dos Santos, Larissa Christiny Amorim; Ribeiro, Wanderson Alves; et al. Criança com diagnóstico de câncer sob cuidados paliativos e seu familiar: contribuições para o cuidado de enfermagem. **Revista Pró-univerSUS**. 2022 Jan./Jun, p. 57-64. Disponível em: <https://editora.univassouras.edu.br/index.php/RPU/article/view/3166/1844>. Acesso em: 10 de setembro, 2025.

Barcelos, Allyne Leandra Bernardo; da Silva, Marcela Ribeiro; Ribeiro, Wanderson Alves; Cuidados paliativos ao paciente pediátrico: desafios e percepções do enfermeiro. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**. São Paulo, v. 02, n.01, jun. 2025, p. 89-104. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/19986/12093>. Acesso em: 11 de setembro, 2025.

Bizutti, Nanci Soares; Antunes, Rômulo Frutuoso; Melo, Ruan Nilton Rodrigues; et al. Evolução Histórica do Conforto no Cuidado de Enfermagem a Pacientes

Oncológicos em Fim de Vida: Revisão Integrativa da Literatura. **Revista Brasileira de Cancerologia**, v. 70, n. 1, e-104437, mar. 2024. Disponível em: scielo.br/j/rbcan/a/jtMFDppQD3FGnQVpHNb3gLD/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 27 de setembro, 2025.

Santiago, Angelo Rodolfo; Ramires, Leandro Vieira; Gentil, Danielly Ferri; et al. Atuação do Enfermeiro nos cuidados paliativos pediátricos: desafios e práticas humanizadas. **Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR**, Umuarama, v.30,n.1,p.446-461,2026. Disponível em: <https://www.revistas.unipar.br/index.php/saude/article/view/12383/5631>. Acesso em: 08/05/2026

Domingues, Flavia. Manejo da dor em crianças e adolescentes hospitalizados com câncer: estudo transversal [dissertação]. **São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo**, 2022. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/porta1/resource/pt/biblio-1580655>. Acesso em: 08/05/2026

Villacreses-Merino, Katherine Monserrate ; Merino-Conforme, Monserrate Cristina; Alcázar-Marcillo,Angelica Adriana; et al. **Revista Arbitrada Interdisciplinaria de Ciencias de la Salud. SALUD Y VIDA**, v. 8, n. 16, Julho-Dez 2024. Disponível em: <https://fundacionkoinonia.com.ve/ojs/index.php/saludyvida/article/view/4156/7197>. Acesso em: 08/05/2026

Barrêto, Denize Miquele dos Santos; Silva, Carolina Dias dos Santos; Oliveira, Moisés Ferreira Alves de; et al. Realidade virtual e ludoterapia no manejo da dor e ansiedade de crianças e adolescentes em tratamento oncológico: estudo quase experimental. **Brazilian Journal of Pain**, v.8, e20250027, 2025. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/brjp/a/XLtvmLkLZgVhHpyfFfL8GMq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 08/05/2026